

LIVROS * AUTORES *

MONTRA DE LIVROS

POR ARMANDO FERREIRA

O Anjo Acorado, por José Cardoso Pires (3.^a edição) — Editora Arcádia — Lisboa.

Quando nesta terceira edição de *O Anjo Acorado* encontramos em quase um terço do volume, o curioso estudo de Alexandre Pinheiro Torres, sobre o autor, perguntamos o que viria ali fazer aquele estudo, alias magnífico estudo, sobre a arte, a personalidade, os objectivos e razões das emendas na nova edição. Dirige-se esse guia de intenções ao leitor distraído. Justificação; não necessidade.

O Anjo Acorado, por si só, logo na primeira saída para o público, ooteve a compreensão, o aprego, o êxito que não precisa de toques no campanário para se continuar. Com toda a sua estrutura linear, a sua economia de cenários e carpintaria, a obra foi desde o primeiro momento daquelas que fazem ondas. Ao leitor distraído, e a outros, pouco nos importa que a estrutura fosse internacional, que em todos os gestos e palavras haja motivações específicas. É uma história aliciante na sua aparente singeleza, riquíssima na observação dos pormenores — quer de ordem física, quer de rigorismo psicológico —, precisa nos recortes dos perfis mas deixando sempre abertos os caminhos da reflexão; jogo de contrastes sem qualquer denúncia de preparação propositada que prejudicaria o sentido da sinceridade... Tudo isto sente o leitor desprevenido ou distraído; voltará a senti-lo ao reler a obra, porque *O Anjo Acorado* volta naturalmente à leitura como aqueles lugares calmos penetrados de qualquer influência misteriosa que se procura tornar a visitar e não apenas recordar.

Pinheiro Torres, nem com o seu minucioso ensaio interpretativo — que se junta a tantos outros que o valor de Cardoso Pires tem motivado — comprometer o leitor distraído: «Olha! O que havia por detrás daquelas figuras de Guida, que eu julgava conhecer, e do quarentão do João, bem instalado na vida, que me parecia colhido ao acaso entre tantos dos meus amigos! Eu tinha a percepção de que Cardoso Pires, era um escritor apropriado à minha sensibilidade, mas não podia supor até que ponto ele andara para lá do mero intento de me dar «boa literatura». Lembra-me que a primeira vez que o li, recordei, apenas pelas impressões sentidas, o Hemingway do *Homem e o Peixe*, se bem que nada de comum haja entre as duas obras. Mas, *O Anjo Acorado*, para mim, que creio nos que sabem prender-me, era no dizer do autor «uma narração de sucessos inventados para instruir ou divertir». E era nessa missão tão difícil, cada vez mais, que eu li e agora reli e hei-de sempre ler esta história em estilo perfeito e saboroso que me entretém... apesar de parecer que nada se passa senão episódios da trivialidade. Vejam que figura triste a minha distração me fez fazer! Pareço aquela personagem de Molière que um dia descobre que fala em prosa... sem o saber!

E agradecido, apesar de tudo, às boas indicações do crítico. Daqui para o futuro vou ser menos leviano e mais perspicaz nas minhas leituras. Vou deixar de dizer, como sempre fiz com tanta sinceridade: *Gosto porque gosto*.

Afinal sempre foi o leitor distraído quem prestou a primeira homenagem a *O Anjo Acorado*, levando a terceira edição, e a outras que se seguirão, a admirável fábula de Cardoso Pires.